

Barba-Azul

Um homem vivia na floresta e tinha três filhos e uma bela filha. Um dia, uma carruagem dourada puxada por seis cavalos e com muitos cavaleiros se aproximou, parou diante da casa, e um rei desembarcou e pediu ao homem que lhe entregasse sua filha em casamento. Sentindo-se feliz com a sorte grande da filha, o homem logo disse sim. Também, não havia do que se queixar de um pretendente desses, exceto pelo fato de ter uma barba completamente azul, de modo que, toda vez que se olhava para ele, era impossível evitar levar um pequeno susto.

No começo, a menina também se assustou com isso e teve receio de se casar com ele, mas, de tanto o pai insistir, acabou aceitando. Como estava com muito medo, antes de partir ela procurou os três irmãos a sós e disse a eles: “Queridos irmãos, se me ouvirem gritar, estejam onde estiverem, deixem tudo como está e venham logo me acudir”. Os três irmãos prometeram a ela que o fariam e a beijaram: “Fique tranquila, querida irmã, quando ouvirmos a sua voz, montaremos nos nossos cavalos e logo estaremos ao seu lado”. Então a menina subiu na carruagem e partiu com Barba-Azul. Ao chegarem ao castelo, ela achou tudo maravilhoso, e bastava desejar alguma coisa para que esta se tornasse realidade. E eles viveriam bem felizes se ela pudesse se acostumar à barba azul do rei, mas sempre que olhava para ela, no seu íntimo, sentia-se muito assustada.

Passado algum tempo, ele disse: “Tenho de fazer uma grande viagem, por isso vou deixar todas as chaves do castelo com você. Pode abrir e olhar tudo em todos os lugares, apenas a proíbo de entrar nesta pequena sala, que se abre com esta chave de ouro. Se abri-la, sua vida estará arruinada”. Ela pegou as chaves e prometeu obedecer; e, assim que ele saiu, ela começou a abrir uma porta atrás da outra e viu tantas riquezas e preciosidades que chegou a pensar que ali tivessem reunidos os tesouros do mundo inteiro. Não restava mais nada para ver além da

sala proibida e, como a chave era de ouro, ela achou que ali talvez estivesse guardado o tesouro mais valioso do castelo. A curiosidade passou a torturá-la e talvez ela preferisse não ter visto os outros quartos, se em troca soubesse o que havia neste.

Por algum tempo conseguiu resistir à vontade, mas o sentimento foi tão forte que ela acabou pegando a chave e indo até a sala proibida. “Quem é que vai ver se eu abri?, disse para si mesma, “vou só dar uma espiadinha.” Então virou a chave e, assim que a porta se abriu, uma correnteza de sangue jorrou em sua direção e ela viu mulheres mortas penduradas pelas paredes, de algumas das quais só restava o esqueleto. Levou tamanho susto que logo bateu a porta, mas a chave caiu de sua mão e foi parar no meio do sangue. Ela tratou de pegá-la, mas quando quis limpá-la não conseguiu, porque toda vez que a limpava de um lado o sangue voltava a aparecer do outro. Passou o dia inteiro sentada esfregando a chave, tentou de tudo, mas de nada adiantou, pois as manchas de sangue eram impossíveis de se remover. Finalmente, quando anoiteceu, ela colocou a chave no meio de um monte de palha, para que o sangue fosse absorvido durante a noite. Barba-Azul voltou no dia seguinte e a primeira coisa que fez foi lhe pedir as chaves. Com o coração batendo forte, ela lhe entregou as outras, na esperança de que ele não desse por falta da chave de ouro. Ele, porém, contou todas e, em seguida, olhou bem para ela e disse: “Onde está a chave da sala secreta?”. Corada como sangue, ela respondeu: “Está lá em cima, eu a separei das outras, amanhã eu procuro”. “Vá agora mesmo, querida mulher, vou precisar dela ainda hoje.” “Ai, eu vou confessar a você, eu a perdi no meio da palha, tenho de procurá-la primeiro.” “Perdeu coisa nenhuma”, disse Barba-Azul, furioso, “você a colocou ali para ver se as manchas de sangue saíam, porque desobedeceu às minhas ordens e entrou na sala, mas agora você vai ter de entrar lá, querendo ou não.” Então ela foi obrigada a buscar a chave, que ainda estava toda cheia de sangue. “Agora, prepare-se, porque você vai morrer ainda hoje”, disse Barba-Azul, e buscou uma faca grande e a arrastou pelo corredor. “Permita que eu faça a minha oração antes de morrer”, pediu ela. “Pode ir, mas se apresse, não tenho muito tempo para esperar.” Então ela subiu correndo a escada e gritou bem alto pela

janela: “Irmãos, queridos irmãos, venham me acudir!”. Os irmãos estavam na floresta tomando vinho fresco, quando o mais novo disse: “Tenho a impressão de que ouvi a voz da nossa irmã. Andem, precisamos socorrê-la!”, e então eles montaram em seus cavalos e galoparam na velocidade de uma ventania. A irmã, por sua vez, ainda estava de joelhos, morrendo de medo, quando Barba-Azul a chamou lá de baixo: “Vai demorar muito?”, e ela o ouviu afiar a faca no primeiro degrau da escada. Ela olhou para fora, mas não conseguiu ver nada a não ser uma nuvem de poeira ao longe, como se uma manada se aproximasse em disparada. Assim, gritou uma vez mais: “Irmãos, queridos irmãos! Venham me socorrer!”, e seu medo crescia e ficava cada vez maior. Barba-Azul então gritou: “Se você não vier logo, eu vou buscá-la. Minha faca já está afiada!”. Nesse momento, ela olhou de novo pela janela e avistou os três irmãos cavalgando pelo campo, como se fossem pássaros voando pelo ar; apavorada, ela gritou uma terceira vez, com todas as suas forças: “Irmãos, queridos irmãos! Venham me socorrer!”, e o mais novo já estava tão perto que ela pôde ouvir sua voz: “Aguente firme, querida irmã, só mais um instante e estaremos com você!”. Mas Barba-Azul gritou lá de baixo: “Agora chega de oração, não quero esperar mais, se você não vier eu vou buscá-la!”. “Ah, deixe-me só rezar pelos meus três irmãos queridos.” Mas ele não lhe deu ouvidos e subiu, depois arrastou-a escada abaixo, e já estava agarrando seus cabelos e prestes a puxar a faca para espetar seu coração, quando os três irmãos arrombaram a porta, entraram, arrancaram a faca das mãos dele e depois puxaram suas espadas e o abateram. Depois Barba-Azul foi pendurado na sala ensanguentada junto com as mulheres que ele havia matado, e os irmãos levaram a amada irmã para casa com todas as riquezas de Barba-Azul, que agora pertenciam a ela.

